



A Estratégia — Seu Desdobramento no Espaço e no Tempo*

Carlos de Meira Mattos**

Matéria extraída da gravação, em fita magnética, na palestra proferida, pelo autor, no Centro de Estudos Estratégicos, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Foi preservada a linguagem coloquial usada na palestra, tornando o assunto do artigo facilmente assimilável pelo leigo.

Um respeitável sociólogo brasileiro disse que nós estamos sempre 50 anos atrás das nações mais adiantadas. Há pelo menos 30 anos eu frequento os centros de estudo de estratégia das universidades americanas e européias. O estudo da

estratégia hoje se difundiu e encontra, nas universidades, um interesse bastante grande, mesmo entre os alunos de graduação.

O primeiro livro de Estratégia que se conhece, que é um tratado, data de 500 anos antes de Cristo. É de Sun Tzu, um general chinês. Esse livro ficou conhecido no Ocidente em 1724 (ou 1772?), porque um padre francês, Amiot, que servia em Pequim, o traduziu para o francês. Aí, ele foi traduzido

**** General-de-Divisão, conceituado intelectual reconhecido no Brasil e no exterior.**

* Selecionado pelo PADECEME.

para o inglês e começou a se difundir no Ocidente. Mas a Estratégia existiu antes de Sun Tzu. Desde que as guerras adquiriram um certo volume, houve necessidade de uma inteligência, e a estratégia, eu costumo dizer, não é mais que a inteligência aplicada numa disputa, numa luta.

Vamos ver o que dizem sobre a Estratégia os principais pensadores.

Existe um trinômio Política-Poder-Estratégia, e não se pode entender a Estratégia sem se entender esse trinômio. São os chamados conceitos fundamentais.

A Política, para os principais autores, é a arte de governar. Esta é a síntese do pensamento de Aristóteles, Platão, Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Raymond Aron. A Política é a luta pelo poder, segundo Morgenthau, autor do livro básico de ciência política nos Estados Unidos. A Política é a arte de governar o Estado, dirigindo sua ação interna e externa, conforme conceito da Escola Superior de Guerra (ESG). A Política fixa objetivos a atingir. Sintetizando, dir-se-ia que a Política é a luta pelo poder, fixando objetivos e atingir. Porque, se não houver objetivos, não há Política.

Vamos ver o que é Poder. O Poder é a soma de recursos materiais e valores psicológicos de que dispõe o Estado, tendo em vista os objetivos que a política pretende alcançar ou preservar. Então, para se alcançar os objetivos da Política, o Estado tem que ter Poder. Nenhum objetivo da Política poderá ser alcançado sem a aplicação do Poder. Acho que é uma coisa clara — quem não tem Poder não pode ter Política; quem tem pouco Poder tem que ter uma Política pouco ambiciosa; quem tem muito Poder pode ter uma Política bastante ambiciosa. O Poder apresenta-se sob diferentes expressões: política,

econômica, psicossocial, militar, à técnico-científica.

Vejamos o que é Estratégia. Estratégia é a arte de aplicar o Poder, tendo em vista os objetivos da Política. Podemos ver que a Estratégia está completamente vinculada à Política e ao Poder. São duas vinculações inseparáveis da Estratégia. A Política é concepção; a Estratégia é ação. É a diferença entre o que fazer, da Política, e o como fazer, da Estratégia. Se a Política diz: "Precisamos desenvolver a Amazônia", a Estratégia vai nos dizer como desenvolver a Amazônia.

Essas conceituações São boas para a ordenação do pensamento.

Apreciemos o que temos mais sobre a Estratégia. Nasceu em berço militar. É a arte dos generais, como indica sua semântica grega. Com o tempo, transformou-se numa arte generalizada, do estadista, do político, do economista, do sociólogo. Foi a partir da Primeira Guerra Mundial que a Estratégia tomou impulso de generalização e todas as atividades apropriaram-se dessa palavra, através de sua metodologia, digamos assim, do seu mecanismo mental de formular o seu problema. Se partirmos da noção antiga de Estratégia militar, diremos que é a arte de empregar forças militares para alcançar os objetivos determinados pela Política. Isso é uma definição de Lidell Hart, um grande estadista inglês, que foi adotada por Raymond Aron. A Estratégia é a arte dialética de forças — e vejamos bem o sentido filosófico de dialética, de Hegel, da tese e da antítese — "é a arte da dialética de vontades, empregando a força para solucionar o conflito" (General Foch).

Vejamos o que diz um estrategista mais moderno, que surgiu com a necessidade de criar uma Estratégia para a Guerra Nuclear.

Estratégia esta que também foi apropriada para outros tipos de guerra e de conflito. O General Beaufre diz o seguinte: "Creio que a essência do jogo da Estratégia gravita em torno de um jogo abstrato." É como disse Foch, "oposição de vontades", são duas vontades antagônicas. É esta arte que permite, independente de toda técnica, dominar os problemas que tratam, em si, esse antagonismo, a fim de aplicar a racionalidade com a máxima eficiência. Beaufre tem a preocupação muito grande de separar a Estratégia da técnica, porque viu que, em um determinado momento, o desenvolvimento tecnológico-científico tinha atingido um grau tão elevado, que começaram a desprezar a Estratégia, o pensamento estratégico, esse pensamento que é arte, que é dialética de vontades, que não pode ser substituído nem pela técnica nem pela ciência, porque a inteligência estratégica, nessa dialética de vontades, é que vai indicar qual é a tecnologia, qual é a ciência de que precisamos.

A escolha dos meios estratégicos depende de uma confrontação entre as vulnerabilidades do adversário e as nossas possibilidades. Isto é importante: um Estado pode ter uma Estratégia que não esteja de acordo com as suas possibilidades e com as vulnerabilidades do adversário. Porque um Estado que tem uma estratégia muito ambiciosa e um poder fraco é algo ridículo. Deve haver certo equilíbrio. Ao fazer essa confrontação entre as vulnerabilidades do adversário e as nossas possibilidades, ao avaliar o nosso Poder, é mister analisar o efeito moral, convencido daquilo que se quer convencer o oponente. Beaufre se preocupa demais com a parte psicológica da dissuasão, acha que, mesmo antes de ser aplicada a Estratégia, o adversário

tem que ser convencido de que vai enfrentar uma Estratégia forte e firme.

PLANEJAMENTO

Vamos ver o que o Beaufre fala sobre o planejamento, o plano estratégico.

A elaboração do plano estratégico gravita numa dialética. O planejamento estratégico consiste num jogo de avaliações constantes entre *fins e meios*, ou, ainda, entre *objetivos* almejados e nosso poder disponível. Em consequência, é necessário prever pressões adversas, possíveis a cada ação visada, e as possibilidades de conter cada uma delas. Quando planejamos, precisamos saber quais são as reações previstas e quais são as nossas capacidades de respondê-las. Essas pressões podem ser nacionais ou internacionais, podem ser morais, políticas, econômicas ou militares. Ações sucessivas e possibilidades de realizá-las devem ser previstas dentro de um sistema capaz de assegurar o poder de desenvolver o plano elaborado, apesar da oposição adversa. Quando se fala na oposição adversa, trata-se de uma característica da Estratégia — não existe Estratégia se não houver uma oposição. Estratégia é um jogo entre duas vontades — se não houver uma oposição a vencer, não há Estratégia. Essa oposição pode ser ativa, volitiva, anímica, e pode ser uma oposição do meio físico. Por exemplo, no caso do desenvolvimento da Amazônia, a principal oposição é o meio físico, principalmente porque a Amazônia tem uma geografia ingrata, uma geografia hostil ao homem. Mas se quisermos, por exemplo, assentar, fixar uma política nuclear para o Brasil, vamos encontrar oposições anímicas, oposições volitivas. Existem países e organi-

zações internacionais que são contra e que ficarão contra ela. Portanto, a Estratégia responde a reações volitivas, de vontades, ou a reações da natureza.

MANOBRA ESTRATÉGICA

A manobra estratégica visando a manter a liberdade de ação deve ser impositiva. Apartir do momento em que se perdeu a liberdade de ação, não se pode mais fazer Estratégia, a nossa Estratégia já estará completamente prejudicada.

Os grandes caminhos da decisão estratégica são definidos por quatro coordenadas, segundo Beaufre: as *forças morais* — se não tivermos uma vontade, uma coesão nacional, uma vontade nacional predominante, não poderemos ter uma Estratégia; as *forças materiais* — temos que ter poder material, se quisermos desenvolver a Estratégia que desejamos; o *momento e o lugar* — temos que jogar isso dentro do tempo e do espaço, sobre a escolha de como conduzir a manobra estratégica; a *pedra de toque é a liberdade de ação* — no momento em que perdemos a liberdade de ação, perdemos a capacidade de executar a manobra. A luta pela liberdade de ação é, com efeito, a essência da Estratégia.

Chegamos nós a uma conclusão genérica dos clássicos, que serve a todos os modelos: a Estratégia é um jogo de inteligência, é um jogo entre duas vontades onde leva vantagem quem é mais hábil, mais inteligente.

Há duas atitudes estratégicas, a defensiva e a ofensiva. Quando entramos em um problema estratégico, ou tomamos uma atitude defensiva, ou tomamos uma atitude ofensiva, mas as ações estratégicas são de três tipos: a ação direta, a ação indireta e a

dissuasão. A dissuasão é nova e está adquirindo grande importância.

“A manobra estratégica visando a manter a liberdade de ação deve ser impositiva. A partir do momento em que se perdeu a liberdade de ação, não se pode mais fazer Estratégia.”

Do ponto-de-vista clássico, as ações estratégicas são: a ação direta e a ação indireta.

O patrono da ação direta foi Clausewitz, um militar alemão que escreveu sobre Napoleão, sobre as guerras napoleônicas e das lições dessas guerras, porque Napoleão fez as guerras, mas não teorizou as lições. Seu livro de 1871, publicado por sua esposa, depois da sua morte, tornou-se um clássico de Estratégia. Clausewitz diz, em seu livro *Von Krieg*, em alemão, *Da Guerra*, em português: “a conduta estratégica ideal é a busca do centro de gravidade das forças inimigas e numa só e única batalha decisiva, destruí-las”. É interessante notar que ele considera que a Estratégia gravita em torno de procurar o centro de gravidade do inimigo e, se possível, em uma ação de choque única e decisiva, destruí-lo.

Vejam a Estratégia de ação indireta. O primeiro que tratou desse tipo de ação estratégica foi Sun Tzu. Depois de Sun Tzu, seu grande discípulo foi Mao Tsé-Tung. E, no Ocidente, quem propugnou a favor da Estratégia de ação indireta foi Lidell Hart, em vários livros sobre o assunto. Mas a Estratégia indireta, vamos ver, é bastante diferente da Estratégia direta. Sun Tzu defende a tese pela

qual, na guerra, ou na Política, se assim quiser, a melhor política é conquistar um país intacto, e não destruí-lo. Destruí-lo é pior. Capturar o exército inimigo é melhor que destruí-lo. A batalha deve ser vencida muito mais pela manobra do que pelo choque. Sua concepção, muito ligada ao pensamento chinês, de paciência, de levar as coisas no tempo, sem pressa, é muito diferente, do ocidental, que é pragmático e quer as coisas feitas muito rapidamente. É melhor conduzir uma guerra em cinquenta anos e derrotar o inimigo pelo cansaço, pela ação indireta, não atuar nunca sobre o centro de força do inimigo.

Vamos tratar, a seguir da dissuasão — um pensamento novo gerado pela guerra nuclear, mas hoje difundido e tornado importante principalmente para nós, brasileiros.

DISSUASÃO ESTRATÉGICA

A dissuasão é a Estratégia através da qual um país visado procura evitar a ação bélica, utilizando a ameaça de uma represália que o agressor não pode ou não está disposto a pagar, segundo o General Beaufre, na *Introduction à la Stratégie*. Prestemos atenção a esse raciocínio, porque cada uma dessas ações estratégicas tem um desdobramento racional. Beaufre diz que se deve criar uma ameaça que o adversário que lhe quer agredir não pode pagar; primeiro, porque não tem forças para tanto e segundo, porque a opinião pública ou mundial não lhe permite pagar. *Essa estratégia está sendo muitíssimo explorada pelos países fracos no mundo todo.*

O que estamos vendo hoje na Bósnia, nos territórios da antiga Iugoslávia, o que vimos na Somália e até no Haiti, é a aplicação da Estratégia da dissuasão. Os EUA não querem

pagar — há uma síndrome contra as guerras do tipo Vietnam, tipo Coréia, tipo Argélia. Então, a Política não permite que o Governo pague porque o povo americano não aceita que seus filhos morram no exterior por alguma coisa que eles não entendem direito. É o que acontece na Iugoslávia, na Bósnia. Existem conflitos de toda ordem nos antigos territórios da Iugoslávia, mas a causa principal do conflito é que os sérvios que, dentre aqueles povos todos, são a maioria e são os mais fortes, querem reconstituir a antiga grande Iugoslávia, que se dividiu com o apoio de vários países e se transformou em pequenas etnias e pequenas republiquetas. Há conflito racial, há tudo isto, mas os sérvios são guerreiros, e provaram que são guerreiros, pois a Alemanha dominou todos os países do Oriente Europeu e não conseguiu dominar a Iugoslávia, que ficou na mão, primeiro de um guerrilheiro local, Mikhailovich, e depois na mão de um segundo guerrilheiro local, Tito. Os sérvios dizem: "Se vocês querem ocupar o país para defender essas minorias, venham. Mas isso vai custar caro. O país é montanhoso, teremos uma guerra de montanha, o que significa guerra durante uns dois anos pelo menos, e vai custar cem mil mortos. Vocês querem pagar isso?" Não. A França não quer pagar, nem a Alemanha nem a Inglaterra, nem os EUA querem. Então fazem ações militares que não sejam de ocupação. Optam pela ação naval e a ação aérea, mas desembarcar tropas de ocupação, isso eles não fazem. Então caímos naquele conceito de *dissuasão: os sérvios ofereceram uma ameaça de represália que o agressor não pode ou não está disposto a pagar.* A população americana não quer mais receber caixão de defunto todos os dias, como recebeu durante toda a Guerra do Vietnam. Tem horror disto.

O presidente que se meter em uma aventura desta perde a próxima eleição e o seu partido, também.

Então, vemos que surgiu uma nova Estratégia.

Um dos teóricos dessa nova estratégia é um francês, André Gluksmann, que diz, em seu livro *Les Discours de la Guerre*: "A ameaça dissuasiva encontra-se dividida entre duas componentes: a componente força e a componente intenção. Transmitir uma ameaça dissuasiva significa, ao mesmo tempo, manifestar uma capacidade e comunicar uma vontade."

É hábito, nos planos militares, estimar-se as capacidades do adversário, e não suas intenções. Ela não se exerce somente em avaliá-las, mas, principalmente, em influenciar o adversário, mostrar que aquele é um risco que ele não quer pagar, ou não pode pagar. Ela não se exerce somente para avaliar a capacidade do inimigo mas para influenciar. A dificuldade está em transmitir nossas intenções, a fim de torná-las persuasivas e

evitar que sejam tomadas como um blefe. A credibilidade da intenção é indispensável. Estamos diante de uma nova Estratégia, que é a da dissuasão. Está se falando muito numa possível ameaça amazônica, que existe porque hoje há uma Estratégia internacional dirigida pelos "grandes", que estão aceitando certas teses de territórios internacionalizados. A internacionalização de certos territórios, no interesse da humanidade, é apoiada pelos sete grandes mas estamos vendo que eles não se aventuram quando o risco a pagar é caro. Pelo sim, pelo não, acreditando ou não na ameaça amazônica, nosso dever, dever de quem é responsável pela defesa nacional, é criar uma força de dissuasão que convença qualquer organização internacional apoiada por Forças Armadas internacionais, que queira ocupar uma parte do território nacional, fazendo tábua rasa dos princípios de soberania e autodeterminação. Devemos apresentar uma dissuasão estratégica, obrigando-os a pensar: "bom, isto vai nos custar tanto e isto nós não queremos pagar". □